

A EMPREGABILIDADE NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO: O ARQUITETO DA INFORMAÇÃO

Sofia Galvão Baptista
Professora adjunto, Universidade de Brasília,
sofiag@unb.br

Resumo: As mudanças da empregabilidade na sociedade de informação são apontadas. Como resultado dessa nova era, são mostrados os conceitos que definem a arquitetura da informação e o profissional arquiteto da informação, com o propósito de definir a área de atuação desse profissional, suas competências e habilidades para atuar na construção de páginas na Internet e sistemas de informação. Por fim, discute-se, com base na literatura, as possibilidades para os bibliotecários pertencerem a esse novo núcleo de profissionais.

Palavras-chave: Arquiteto da Informação; Empregabilidade; Sociedade da Informação; Bibliotecário; Internet.

Abstract: The changes of the employability in the information society are pointed. As new era result, architecture of the information concepts are shown to define the professional information architect, exploring this professional performance area, its capacities and abilities to act on the Internet pages building or information system and, finally, is able to argue from literature the possibilities to librarians belong to this new nucleus of professionals.

1 INTRODUÇÃO

É preciso destacar as mudanças dos paradigmas que explicam a empregabilidade nessa sociedade quando se fala de emprego, ocupação, formação, competências e habilidades na sociedade da informação. Verifica-se que a exigência por um perfil ultra-especializado, realçado por características pessoais (liderança, empreendedorismo, comunicação e outras) se contrapõe às garantias de um emprego que forneça estabilidade, bons salários e benefícios sociais. A literatura mostra ainda que as habilidades valorizadas pelo mercado não são adquiridas, necessariamente, no período de formação, na escola.

Dentro desse contexto, elegeu-se como foco de discussão o arquiteto da informação, que se enquadra como uma ocupação característica dessa nova era, pois esse profissional tem formação variada, cuja especialização, possivelmente, foi conseguida fora da escola.

Para definir o arquiteto da informação, o histórico da arquitetura e as teorias geradas por pesquisadores que se dedicaram ao assunto são apresentadas. As áreas de aplicação desse conhecimento podem estar relacionadas com a construção de páginas da web, sistemas de informação que visam melhorar a competitividade de empresas e outras aplicações. Sobre as tarefas do arquiteto de informação, além das definições encontradas na literatura, são destacados alguns depoimentos de profissionais que atuam na área da construção de páginas de bibliotecas, disponíveis em Paz (2000), Baptista (2004), Gentil (2005) e Nardini (2002).

2 CONCEITO DE EMPREGABILIDADE

Os estudiosos do assunto podem estar ligados à Sociologia do Trabalho, Educação, Economia ou outras áreas. Para esses autores, a empregabilidade pode ter o significado de “capacidade de ter o primeiro emprego, mantê-lo e obter um novo emprego se for preciso” (HILLAGE, J. & POLLARD, E. 1998, apud LEES, 2002, p.1) ou “[...] propensão que uma pessoa tem em conseguir um trabalho” (HARVEY, 1997 apud LEES, 2002, p.1), indicando que essa “propensão” deve significar um conjunto de habilidades, qualidades e formação necessária para manter o emprego e progredir dentro do mercado de trabalho.

Castells (1999, p.285) afirma que

[...]a reestruturação de empresas e organizações, possibilitada pela tecnologia da informação e estimulada pela concorrência global, está introduzindo uma transformação fundamental: a individualização do trabalho no processo de trabalho. Estamos testemunhando o reverso da tendência histórica da assalarição do trabalho e a socialização da produção que foi a característica predominante da era industrial.

Além do advento das novas tecnologias, a empregabilidade é influenciada por outros paradigmas como: a fragilidade do emprego que aparece após a globalização, a competitividade e outros fatores atrelados a uma exigência cada vez maior por especialização, para quem quer se inserir no mercado. Outro dado interessante, a ser considerado nesse contexto, é que a formação desses profissionais não está necessariamente relacionada com as competências adquiridas na escola, mas sim na experiência diária e em atributos pessoais (KOVÁCS 2002 apud ALVES, 2004 e SILVA & CUNHA, 2002).

Os autores da área da Sociologia do Trabalho descrevem o período “pós-fordismo” como uma época em que as empresas encolhem. Privilegia-se a preparação do capital humano, ou a capacitação do empregado. O trabalhador enfrenta o dilema do emprego sem segurança, da precarização do emprego e/ ou da falta do emprego.

O Estado contemporâneo não se sente mais responsável pelo pleno emprego. As corporações transnacionais, que definem os vetores tecnológicos que parametrizam a empregabilidade, também não. Cada um que encontre sua oportunidade corra o seu risco, seja um *responsible risk taker*. Quem está na periferia do capitalismo mundial, que encontre seu lugar no informal, que invente seu emprego (DUPAS, 2005).

Com as mudanças no mundo do emprego, aparece um fato que é contraditório para Kovács 2002 apud Alves (2004). A autora comenta que, por um lado, o número de exigências aumenta em termos de competências e habilidades para os trabalhadores. Por outro lado, a garantia de emprego é reduzida, com o surgimento de novas formas de trabalho, específicas da sociedade pós-industrial e a precarização do trabalho.

Outro fato interessante, deste contexto, registrado por Paiva (2005) é que a escola formadora, até então, da mão-de-obra não é mais responsável pela maioria das competências exigidas pelo mercado, pois muitas delas são de caráter pessoal e não de formação.

Paiva explica o conceito de empregabilidade dentro do contexto pós-industrial:

[...] O conceito de empregabilidade passou a ter uma conotação crescentemente “autônoma”, ou seja, é atributo e virtude do indivíduo em sua relação com o mundo do trabalho e não oportunidade criada pela estrutura econômico-social. No momento em que se esfazela a relação direta entre escolaridade, status, em que vai se perdendo a hierarquia das funções traduzidas em salários vale aquilo que concretamente cada um sabe e pode fazer [...] (PAIVA, 2005, p.59)

Portanto, conclui-se que os trabalhadores da sociedade de informação deverão ser multiespecializados onde iniciativa, curiosidade e criatividade e outras qualidades pessoais contam mais do que a formação escolar.

Na área de construção de sites, essas conclusões foram observadas nas pesquisas realizadas em sites de bibliotecas (BAPTISTA, 2003) com diversos profissionais e com formações variadas (bibliotecários, advogados, administradores de empresa e informatas, entre outros). Muitos informaram que o fato de ser curioso, “correr atrás”, observar quem sabia, perguntar, fazer pequenos treinamentos e outras circunstâncias, proporcionaram a aprendizagem necessária para executar a tarefa com sucesso.

Amorim (2005), baseando-se em documento do Ministério da Educação lista as habilidades necessárias para atuação na sociedade da informação:

[...] capacidade de abstração; o desenvolvimento do pensamento sistêmico (ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos); a criatividade; a curiosidade; a capacidade de se pensar em múltiplas alternativas para um mesmo problema (o desenvolvimento do pensamento divergente); a capacidade de se trabalhar em equipe; a disposição para procurar e aceitar críticas; a disposição para o risco; o desenvolvimento do pensamento crítico; a capacidade de buscar conhecimento; e o desenvolvimento de capacidades de comunicação. (AMORIM, 2005)

Porém, de todas as qualidades citadas por Amorim (2005), a busca pelo conhecimento (formal ou informal) é essencial para as atividades que envolvem tecnologia da informação, pois é uma área em constante transformação.

3 EMPREGABILIDADE NA ERA DA INTERNET

A Internet, intensa em tecnologia da informação, representa um mercado característico da sociedade da informação. A rede gera novas ocupações, como o caso dos arquitetos da informação.

Terêncio & Soares (2003) descrevem como as mudanças afetam a empregabilidade dos futuros profissionais. Os autores trabalharam com uma amostra privilegiada. Trata-se de adolescentes de hoje, geração que nasceu com a Internet, que com mais facilidade lidarão com a questão do emprego no futuro.

As profissões também vêm mudando vertiginosamente: com o passar de poucos anos algumas se tornaram obsoletas ou desnecessárias, enquanto várias outras surgem a cada momento para corresponder às inovações científicas e tecnológicas. Quanto à chamada “empregabilidade”, sabe-se que o perfil do profissional desejado hoje é muito diferente do de poucas décadas atrás. Não se valoriza mais o profissional com “fidelidade” a uma única empresa ou única experiência profissional. Procuram-se, ao contrário, profissionais com autonomia e adaptabilidade, que acumulem em seu currículo uma ampla variedade de experiências. Além disso, a rotatividade nas empresas só faz aumentar, gerando o fim da estabilidade e o conseqüente desemprego, de forma que se torna útil para os próprios trabalhadores serem flexíveis e versáteis para ingressarem em diferentes trabalhos durante o curso de suas vidas. (TERÊNCIO & SOARES, 2003, p.140).

Nesse contexto, o mercado de trabalho da Internet é um mercado em expansão. Pode-se considerar um “mercado livre” no qual vence o melhor. Verifica-se, por exemplo, na área da construção de páginas, pessoas com formação tecnológica e sem formação tecnológica, mas curiosas, construindo páginas intuitivamente ou de forma planejada onde, no final, o que se avalia é o resultado.

Quanto a essa versatilidade dos futuros profissionais diante da questão do emprego, o ponto de vista de Terêncio & Soares (2003) é interessante, porque a próxima geração que nasceu sob o domínio da sociedade pós-industrial está sendo criada com grande capacitação na área tecnológica de forma intuitiva. Os autores sugerem, em relação aos jovens, que irá surgir uma nova identidade profissional, com ocupações cada vez menos formais e multifacetadas.

Uma nova ocupação surgida com o advento da Internet é o arquiteto da informação, denominação aparentemente sem explicação lógica. No entanto, o termo cunhado por Wurman (1996), quando explicado, parece ser bastante adequado à realidade da rede, pois se verifica que a metáfora da arquitetura é interessante para explicar sua concepção e uso.

4 ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO - HISTÓRICO

Willys (2000) conta que o termo “arquiteto de informação” foi cunhado por Richard Saul Wurman em 1976, depois de uma conferência de arquitetos da American Institute of Architects (AIA). Wurman era um arquiteto que trabalhava na confecção de guias turísticos e visualizou a arquitetura da informação como arte ou ciência (instruções para organizar espaços). Ele via que o problema de coletar, organizar e apresentar a informação era análogo ao problema que os

profissionais da arquitetura (construção) enfrentam no planejamento (ou desenho) de um prédio e serviria às necessidades de seus ocupantes. O arquiteto, no caso da construção de um prédio, necessita: prever a fiação; máquinas, layout, fluxo de pessoas e materiais, enfim, estar de acordo com as necessidades de seus ocupantes.

Wurman (1996) apud Peon Espantoso (1999/2000, p.141) define as tarefas do arquiteto da informação:

- O indivíduo que organiza a informação, tornando simples o que é complexo;
- A pessoa que cria a estrutura ou mapa da informação que permite que outros encontrem suas necessidades de conhecimento;
- O profissional emergente do séc. XXI que, em última análise, procura estudar as necessidades humanas e a ciência que envolve a organização da informação.

5 A LITERATURA E OS DIFERENTES CONCEITOS DE ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

Os conceitos de arquitetura da informação têm várias acepções, de diferentes áreas divulgadas na literatura. Porém, duas delas têm um histórico marcado pela origem do grupo que estuda o assunto, desde a década de 90. Uma definição, mais ampla, está relacionada à construção de sistemas de informação e com origem na tecnologia. Outra definição, mais restrita, ligada à construção de páginas na Web, com origem nas escolas de Ciência da Informação norte-americanas e anunciadas nos encontros da ASIS (American Society for Information Science) Peek, 2005.

A definição mais ampla englobaria (1) a política de informação de uma unidade em termos estratégicos e em termos tácitos; (2) o conjunto de modelos de informação e de sistemas de informação; (3) a arquitetura de informação em termos estratégicos e conceituais e (4) a arquitetura de sistemas de informação em nível de modelos de implementação (LIMA - MARQUES, 2004).

Para Dillon (2002), essa definição mais abrangente está relacionada com o planejamento de múltiplos níveis de informação. Complementando essa idéia, o autor afirma que o termo descreveria o processo de planejamento, implementação e avaliação do espaço de informação, humanamente e socialmente aceitável. A definição menos abrangente estaria restrita à Web e relacionada à construção de páginas.

A arquitetura da informação também ganhou espaço na literatura sobre inteligência competitiva. McGee& Prusak (1994, p.138) definem os objetivos da arquitetura da informação, ao abordarem o gerenciamento estratégico da informação:

[...] definir o espaço de informação da organização em termos de domínios de interesse de informações essenciais e vias essenciais de fluxo da informação; definir os limites críticos do espaço da informação da organização (o que está dentro e o que está fora); identificar as estratégias para a definição das origens e redução; eliminar o ruído das informações; tornar o comportamento da informação desejada mais fácil; tornar o comportamento da informação indesejada mais difícil; aperfeiçoar a adaptabilidade, estabelecendo claramente premissas e políticas de informação e aperfeiçoar as comunicações gerenciais, definindo claramente modelos de informação compartilhada.

Ramos et al (2005), baseando-se nas idéias de Rosenfeld e Morville (2002) autores do livro "Information architecture for the world wide web", definem a arquitetura da informação, referindo-se a ambientes da Internet da seguinte forma:

É uma alternativa para mapear as necessidades de informação de uma empresa. Um dos maiores objetivos da arquitetura da informação é proporcionar uma estrutura lógica para ajudar a encontrar a informação de que se necessita. A sua definição compreende: a combinação de organização, nomeação e esquemas de navegação juntamente com um sistema de informação; o projeto estrutural de um espaço informacional para facilitar a conclusão de tarefas e o acesso intuitivo ao conteúdo; a arte e a ciência de estruturar e classificar *web sites* e *intranet* para auxiliar as pessoas a encontrar e gerenciar a informação; e uma disciplina emergente de práticas comuns, focada nos princípios de projeto e arquitetura para o espaço digital.

Verifica-se que nas definições apresentadas existe uma preocupação com estrutura, espaço, conteúdo e fluxo da informação, política, acesso, necessidades do usuário. As definições se completam. Quanto ao objeto de aplicação, a literatura se subdivide, ora referindo-se a um amplo sistema de informação de uma empresa, ora a uma página ou portal que representa a instituição na Internet. No contexto da rede, outros conceitos são incluídos, tais como: aspecto visual, navegação hipertextual, interatividade e outras características próprias de um sistema de informação em meio digital.

6 ARQUITETO DA INFORMAÇÃO – MULTIPLICIDADE DE DEFINIÇÕES E OCUPAÇÕES ENCONTRADAS NA LITERATURA

Raciocinando de acordo com a perspectiva mais ampla, temos como definição do profissional, segundo Rosenfeld & Morville (2002) apud Vidoti & Sanches (2005) alguém especializado em estruturar e organizar espaços de informação, uma descrição genérica na qual se enquadram muitos profissionais.

Peek (2005) relata que Rosenfeld na reunião da ASIS de 2000 apontou as seguintes áreas para arquitetos da informação: Recuperação da Informação (Biblioteconomia), Design Visual, Engenharia de Interface Homem-Computador, Comunicação Técnica, Design de Interface e Interação, Modelagem de Dados, Antropologia e Ciência da Computação. O palestrante, na época, relatava que havia encontrado no site www.monstro.com 189 ocupações em uma lista de oferta de trabalho.

As definições de arquiteto da informação são também multidisciplinares e não indicam necessariamente a ocupação do autor da definição. O exemplo dado a seguir é de um analista de sistemas que faz mestrado em Jornalismo:

De outra forma pode-se dizer que o arquiteto da informação é o profissional capaz de organizar, classificar e indexar o conteúdo, além de construir os canais para o trânsito, de navegação, entre as seções deste conteúdo categorizado. Ao arquiteto da informação é dado o papel de construir os caminhos da informação, suas conexões e desdobramentos, a fim de contribuir para a divulgação do conhecimento (OLIVEIRA, 2003).

O papel de arquiteto de informação é reivindicado por vários profissionais. Em seu artigo "O jornalista (brasileiro) na sociedade da informação: repórter da realidade,

arquiteto da virtualidade” a professora Elizabeth Saad, baseando-se nos conceitos de Wurman (1996) afirma que:

[...] são arquitetos da informação, uma fusão potencializada das definições conhecidas de “informação” e de “arquiteto”. Nesse contexto, o jornalista parece ser um dos profissionais que mais tem alterado o seu papel na sociedade da informação. (SAAD, 1999, p.6)

Por bibliotecários:

O arquiteto da informação trabalha para otimização de projetos de páginas para a Web, no que se relaciona a sua forma, conteúdo, funções, navegação, interface, interação e qualidade visual; é uma especialização recente e mais avançada na América do Norte. (BARRETO, 2003)

Verifica-se que todos os profissionais se sentem incluídos quando se fala de informação, sistemas de informação e arquitetura da informação. Pode-se acrescentar a esse conjunto os administradores de empresa, principalmente quando o item abordado é a gestão da informação. Os limites entre as profissões ficam frágeis quando se fala de informação.

Para Agner & Silva (2003) o arquiteto da informação é:

Profissão emergente do novo milênio, a arquitetura de informação envolverá a análise, o design e a implementação de espaços informacionais, como sites, bancos de dados, bibliotecas etc. A visibilidade da arquitetura de informação a partir da segunda metade dos anos 90 coincidiu justamente com o momento em que a Internet atingiu massa crítica.

Os autores consideram que as seguintes disciplinas formam o núcleo das atividades da Arquitetura da Informação: Ciência da Computação; Ciência da Informação; Educação / Psicologia (Ciências Cognitivas); Desenho Industrial e Engenharia de Software. O autor acrescenta ainda: Ciências Sociais, que na nossa percepção abrangem algumas das disciplinas citadas acima.

As palavras ligadas à organização do espaço (qualquer espaço de informação) que definem o profissional são mencionadas pelos diversos autores: mapa do espaço de informação, caminho, canais e outras palavras similares. Um outro conjunto de palavras está associado à idéia de um planejamento ou desenho desse espaço, baseado em necessidades de informação.

Numa visão limitada a essas constatações sobre disciplinas envolvidas e tarefas, percebe-se que há mais de um profissional envolvido. Considerando as disciplinas citadas por Agner & Silva (2003) dez profissões estariam envolvidas na construção de um espaço informacional qualquer, e poderiam se auto denominar arquitetos da informação: especialistas em computação, bibliotecários ou arquivistas, educadores, psicólogos, desenhistas e engenheiros de software e/ou comunicólogos, engenheiros de sistemas e artistas gráficos.

Mesmo que fosse somente um profissional (bibliotecário ou informata ou desenhista ou outros) seria necessário que incorporasse as duas visões: a mais ampla (sistemas de informação) ou a mais restrita (páginas da web) - pois planejar sites / portais de unidade de informação (bibliotecas/ centros referenciais e outros) é, em síntese, planejar um sistema de informação que represente virtualmente sua unidade de informação.

7 TAREFAS DESEMPENHADAS NA CONSTRUÇÃO DE PÁGINAS NA INTERNET

Na concepção mais específica - construção de páginas na web – também se verificam diferentes compreensões dos autores e de diferentes áreas. As tarefas e os profissionais que estariam envolvidos são citados abaixo:

- Rowbothan (1999), as tarefas desempenhadas pelo profissional envolvem: criação, planejamento da estrutura e propósito da página, navegação, apresentação dos dados e sistema de busca e recuperação da informação.
- Lieserson (2002), as tarefas, de acordo com esse conceito, seriam as seguintes: decidir o detalhamento da estrutura da página; mapa da página; indexação para o acesso; programação de base de dados; utilização de arquivos; uso de PDF e revisão de planta/layout da página.
- Rosenfield & Morville 1998 apud Vidoti & Sanches (2005) dividem, resumidamente, as tarefas em: conteúdo, contexto e usuários.

Na literatura há o reconhecimento que o bibliotecário tem campo de trabalho assegurado na construção de páginas, por autores de outras áreas e por autores da área da Ciência da Informação. Bradley (2001), por exemplo, defende que os bibliotecários são arquitetos da informação naturais. Blatmann (2000), Peon Espantoso (1999/2000) e Rowbothan (1999) consideram que essa área pode ser um campo de trabalho para o bibliotecário.

8 PESQUISAS COM BIBLIOTECÁRIOS QUE ATUAM NA INTERNET

Gentil (2005) entrevistou uma bibliotecária que ocupa o cargo de arquiteta da informação em uma firma especializada em planejamento e operacionalização de páginas em Brasília, DF. Para a entrevistada, arquitetura da informação é a ciência e a arte que define a navegação de um website e a estruturação de seu conteúdo, criando, dessa forma, interfaces inteligentes, usáveis e lucrativas. Define as tarefas executadas pelo profissional da seguinte maneira:

Primeiramente é desenhado um “esqueleto” do site (wireframe), sem preocupação com o layout /design, definindo todo o fluxo de navegação do site, posicionamento dos elementos e hierarquização do conteúdo. Em seguida, é definida a hierarquia das sessões/ funcionalidades/ páginas (sitegrama) e como elas se comunicam entre si. É gerado a partir de pequenos boxes interligados, como uma árvore genealógica. E, na última etapa, é feito o mapa do site, que traz a divisão hierárquica do conteúdo. A entrevistada considera que a Arquitetura da Informação é multidisciplinar como a Ciência da Informação e tem como preocupação o acesso à informação. Na construção de sites, a Arquitetura da Informação utiliza conhecimentos da área da Ciência da Informaçã , mais especificamente da Biblioteconomia , a saber: classificação e noção de hierarquização das informações - nós, bibliotecários, aprendemos muito bem como fazer isso, quando estudamos a classificação e a indexação. Quanto ao controle de sinônimos, pela indexação, aprendemos, mais do que qualquer profissional, a controlar os sinônimos através dos vocabulários controlados e, quanto à recuperação da informação: conhecemos as técnicas de pesquisa e como isso deve ser disponibilizado para o usuário. Outras subáreas da Biblioteconomia, como: planejamento de sistemas de informação, bases de dados, e serviços de usuário, também contribuem indiretamente para a Arquitetura da Informação. (GUIMARÃES apud GENTIL, K. 2005 p. 39)

A entrevistada aponta as dificuldades que os bibliotecários têm para atuar nesse novo campo, e considera que a escola tem que discutir o assunto para divulgar a profissão que, na sua opinião, é mal definida e desconhecida por muitos.

Na pesquisa de Baptista (2003), foram identificados profissionais com diversas formações atuando na construção de páginas de bibliotecas, a saber: bibliotecários, informatas, administradores e advogados, trabalhando em equipe ou não. Na pesquisa, que teve início em 2000, verificou-se, num primeiro momento, a atuação dos profissionais na construção de páginas de bibliotecas de Brasília (DF) (escolares, especializadas e universitárias). Na segunda parte, foi verificada a atuação de profissionais que estavam trabalhando em páginas de bibliotecas universitárias, pertencentes a cursos de Biblioteconomia no Sul e Sudeste. Por último, profissionais que atuavam em páginas de bibliotecas jurídicas das regiões Sul e Nordeste. Diversas situações foram identificadas: bibliotecário fazendo todas as tarefas, informata fazendo todas as tarefas, outros profissionais (advogados e administradores) fazendo todas as tarefas, ou o trabalho em equipes formadas por bibliotecários e informatas.

Paz (2000) também estudou a construção de sites de bibliotecas universitárias com objetivo de identificar as características dessas páginas e a participação do profissional. Na época, a autora não identificou diferenças relevantes entre as páginas examinadas e verificou que a participação dos bibliotecários era indireta.

Quatro anos depois do estudo de Paz (2000), percebe-se, com o estudo de Baptista (2004) que as páginas das bibliotecas universitárias e de outras instituições evoluíram, passando de uma fase estática para uma fase interativa, com vários serviços de atendimento aos usuários via *email*, *chats* e outros meios que permitem uma comunicação. Porém, em relação à participação dos bibliotecários na construção desses sistemas de informação apresenta-se ainda de forma tímida, dependendo muito da motivação do profissional, principalmente por parte daqueles que não conseguem um diálogo positivo com os informatas.

9 CONCLUSÃO

Os termos “arquitetura da informação” e “arquiteto da informação”, dentro do conceito mais restrito condicionado à construção de sites, tiveram, inicialmente, uma forte participação de duas escolas norte-americanas de Biblioteconomia, responsáveis pelos primeiros estudos na área. Os autores pertencentes a essa área restrita reconhecem a participação do bibliotecário. No entanto, quanto ao entendimento de arquitetura da informação num sentido mais amplo, relacionado a qualquer sistema de informação, verifica-se que todos os profissionais que trabalham com a informação e tecnologia reivindicam a ocupação de arquiteto de informação.

Sendo assim, conclui-se que a arquitetura da informação como especialidade não tem um profissional definido, mas sim um profissional que tem um conjunto de habilidades pessoais, possivelmente mais de uma formação, que está em constante aperfeiçoamento e rotatividade, tem o conhecimento da área como seu patrimônio, independente da organização para qual trabalha.

A Internet é um mercado de trabalho especial e único que não obedece às leis do mercado de trabalho formal que exige uma capacitação, experiência profissional e outros requisitos que habilitam um indivíduo para o trabalho. O espaço é ocupado por aquele que tem habilidades necessárias para uma atuação efetiva. Nas várias entrevistas realizadas durante as muitas fases da pesquisa, verificou-se que isso acontece quanto à construção de páginas de bibliotecas. O espaço é ocupado por quem domina a tecnologia.

REFERÊNCIAS

AGNER, Luiz; SILVA, Fábio. Uma introdução à disciplina de Arquitetura de Informação: conceitos e discussões. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 2. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPED, outubro de 2003. Disponível em: < <http://webinsider.uol.com.br> > Acesso em: junho 2005. (Não paginado)

AMORIM, Joni de Almeida **Os professores, a empregabilidade e a sociedade da informação**. Disponível em <www.revista.unicamp.br/infotec/artigos/joni.html -> Acesso em: junho 2005. (Não paginado)

BAPTISTA, S. G. Oportunidades de trabalho para o bibliotecário na Internet IN: _____
BAPTISTA, S. G., MUELLER, S. P. M. **Profissional da informação: espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 224-241.

BAPTISTA, S. G. **Relatório de pesquisa sobre Investigação sobre as oportunidades de trabalho para o bibliotecário na Internet** - CNPq. Brasília, 2004. 30 p.

BAPTISTA, S. G. Investigação sobre as oportunidades de trabalho para o bibliotecário na Internet: relato de pesquisa In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais....** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 20p.

BAPTISTA, Sofia G., LIMA, Arlan M., ROSARIO, Marmenha M. Ribeiro. Investigação sobre o mercado de trabalho para o bibliotecário na Internet: relato de pesquisa em andamento. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.23/24, n.2, p.209-220, especial, 1999/2000.

BARRETO, A. **Muito se perde, pouco se cria, mas há sempre uma transformação**. Mensagem enviada por <aldoibict@alternex.com.br> em 31 de outubro de 2002.

BLATTMANN, Ursula. Bibliotecário na posição de arquiteto da informação em ambiente WEB. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (Florianópolis, abril, 2000). **Anais**. Florianópolis, 2000. (disponibilizado na WEB em 13 de abril de 2000). Disponível em <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t146.doc>> Acesso em: 2002.

BRADLEY, J. **Information architects**. Disponível em: <[http:// listweb.syr.edu/who/architect.html](http://listweb.syr.edu/who/architect.html) > Acesso em 29 abril 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares - ensino médio. Brasília: MEC, 1999. apud AMORIM, Joni de Almeida **Os professores, a empregabilidade e a sociedade da informação**. Disponível em < www.revista.unicamp.br/infotec/artigos/joni.html -> Acesso em: junho 2005. (Não paginado)

BUSTAMANTE, Jesus. **A Arquitetura de informação do século XX ao XXI**. Tradução e adaptação Juan Leal. 2004. Disponível em; < <http://aifia.org/pt/> > Acesso em: 2 dez. 2004.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 2a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p.285

DILLON, A. Information architecture in JASIST: just where did we come from? **Journal of American Society for Informatics Science and Technology**. August, 2002.

DUPAS, G. Globalização, exclusão social e governabilidade In: CONFERÊNCIA LATINO – AMERICANA E CARIBENHA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1 **Anais**. Disponível em: <www.fundaj.gov.br/clasco_paper_12.doc> Acesso: junho 2005. (Não paginado)

GENTIL, Karla C. **Arquiteto da informação**. 2004. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

GUIMARÃES, J. Tarefas do arquiteto de informação (entrevista) Apud GENTIL, Karla C. **Arquiteto da informação**. 2004. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

HARVEY, L. Graduates' work: the relationship between higher educations and emplymment . Center for Research into Quality. University of Birmingham apud LEES, D. **Graduate employability** : literature review. University of Exster . 2002 p.1

HILLAGE, P. ; POLLARD, E. Employability: developing a framework for policy analysis Research Briefing 85 Departament for Education and Employment apud LEES, D. **Graduate employability**: literature review. University of Exster. 2002. p. 2

KOVÁCS, Ilona **As metamorfoses do emprego**: ilusões e problemas da sociedade da informação. Oeiras: Celta, 2002. 167 p. apud ALVES, Daniela Alves de. Investigação sociológica em prol de um diagnóstico crítico da sociedade informacional. **Sociologias**, n.12, p.348-359, 2004.

LEISERSON , A. B. Web wizards:engineers, artists, and librarians. **Law Library Journal** v. 94, n.1, winter 2002, p.167-176.

LIMA-MARQUES, M. **Arquitetura da informação**. Brasília: Departamento de Ciência da informação e Documentação. Universidade de Brasília, 2004 (Palestra apresentada na disciplina: Tópicos Especiais: “Profissionais da Informação”).

MALVA, Daniel Rebouças. **Arquitetura da informação**: organizando conteúdos em websites. 2003, 73 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2003. Apud GENTIL, Karla C. **Arquiteto da informação**. 2004. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

MASUDA, Y. **Sociedade da informação como sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro. Rio, 1982, 210 p.

MCGEE, J.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação**. 4 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1994. p.138.

NARDINI, H. K. G. Lessons for working with web designers. **Online**, v. 26, n.2, p.51-56, mar/abr. 2002.

OLIVEIRA, Leonardo. A documentação na arquitetura da informação (1). **Web Insider**. n. 12, out, 2003. Disponível em <<http://www.webinsider.com.br>> Acesso em: 8 dez. 2004.

PAIVA, V. **Qualificação, competências e empregabilidade no mundo pós-industrial**. p.59. Disponível em: < <http://168.96.200.17/ar/libros/educacion/paiva.pdf>>. Acesso 2005.

PAZ, C. M. M. **Caracterização das informações de bibliotecas universitárias** 2000, 99f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

PEEK, Robin. **ASIS Summit 2000: defining information architecture**. Disponível em: < <http://www.asis.org/peek.html> >. Acesso em junho 2005.

PEON ESPANTOSO, Jose Juan. O arquiteto da informação e o bibliotecário do futuro. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.23/24, n.2, p.135-146, especial, 1999/2000.

RAMOS, R. G. et al. **Construindo uma arquitetura da informação baseada em metadados**. Disponível em: <is.ls.fi.upm.es/jisic04/Papers/59.pdf> Acesso em junho 2005.

ROSENFELD, L., MORVILLE, P. **Information architecture for the world wide web**. Sebastopol, CA: Oreilly, 1998. 2002p. Apud VIDOTI, S. A. B. G. ; SANCHES, S. A. S. **Arquitetura da informação em websites**. Disponível em < www.libdigi.unicamp.br/document > Acesso em: janeiro 2005.

ROWBOTHAM, J. Librarians - architects of the future? **Aslib-Proceedings**, v.51, n.2, p.59-63, feb.1999.

SAAD, E. O jornalista brasileiro na sociedade da informação: repórter da realidade, arquiteto da virtualidade . **Revista Comunicações e Artes** , São Paulo, v. 21, n.2, 1999.

SILVA, E. L ; CUNHA, M. V. da . A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ci. Inf.**, v.31, n.3, p. 77-82, set-dez.2002.

TERENCIO, M. G.; SOARES, D. H. P. A Internet como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional. **Psicol. estud.**, v.8,n.2, p.139-145. 2003

WURMAN, R. S. **Information architects**. New York, Graphic Press, 1996. Apud PEON ESPANTOSO, Jose Juan. O arquiteto da informação e o bibliotecário do futuro. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.23/24, n.2, p.135-146, especial, 1999/2000.

WYLLYS, R.E. Information architecture. Austin, University of Texas, Graduate School & Information Disponivel <www.glis.utexas.edu> Acesso :maio 2005

ZILSE, Renata. **Arquitetura da informação**: um pouquinho de história. Web Insider, 26 jun., 2003. Disponível em <<http://www.webinsider.com.br>> Acesso em: 8 dez. 2004.